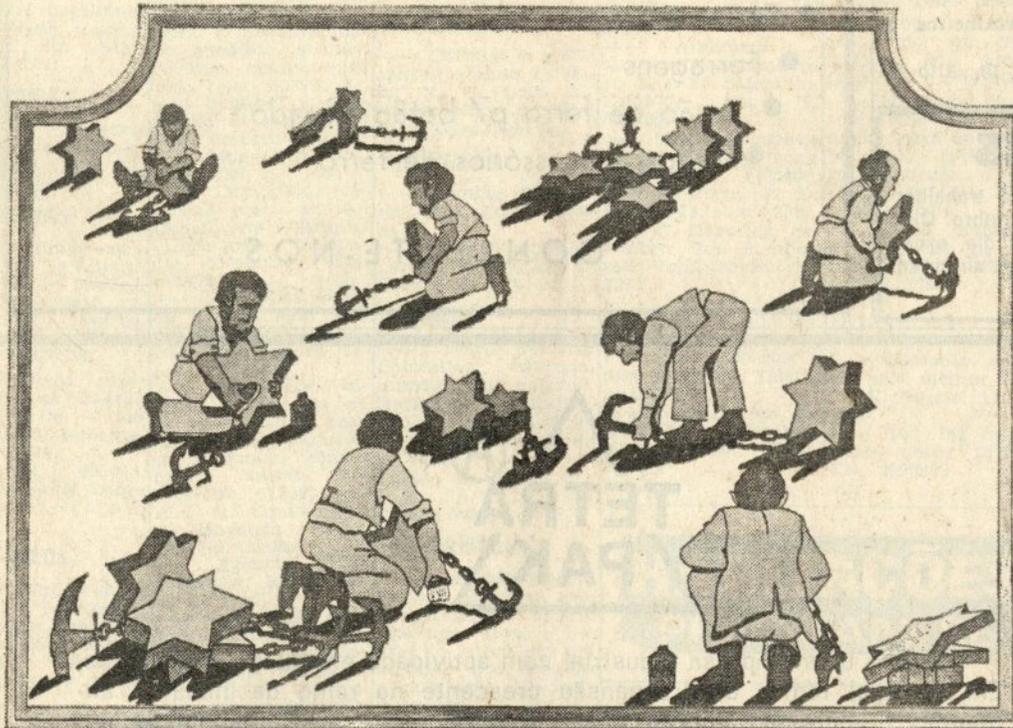


Ler(zinho)



1. A sabedoria dos livros...

Alice Vieira

Quem escreve para crianças cai às vezes naquele (compreensível) vício de jogar com a ironia — quando a ironia pressupõe um raciocínio adulto, maduro, capaz de ler a subfrase, de entender o que há para lá das palavras. Neste livro de Maria Sofia de Santo Tyrso, «A Boneca Cor de Rosa», cai-se um pouco nesse artifício, num livro destinado às crianças, que «a sabedoria dos livros pouco ou nada aproveita» às pessoas, é perigoso, além de ser quase uma contradição: para que escreveria então a autora o seu livro? É evidente que um adulto lê outra coisa que lá não está escrito: o adulto entende a ironia, mas o mesmo já não se pode dizer das crianças. Que uma coisa é a ironia e outra o sentido de humor, a graça, o espírito. E isso também existe neste livro, para honra e glória de quem o escreveu, e para proveito de todos quantos o irão ler.

É divertido andar, com os heróis das duas histórias que compõem o livro, a ver arear as estrelas, a descobrir cravos azuis, e a meter por essas andanças o pobre do Marechal Saldanha, lá no alto da sua estátua, de mão estendida (só que, ao contrário do que se diz, ele não «passa revista aos eléctricos» porque os eléctricos não passam por aquelas paragens...) Uma nota alta para as ilustrações que são na verdade um achado de imaginação e de cor.

Maria Sofia de Santo Tyrso, «A Boneca Cor de Rosa»;
ilustrações de Adelaide Penha e Costa; edição Regra
do Jogo; 38 páginas; Lisboa, 1981

2. Shehrazade já sabia...

Sabe-se como as crianças são atraídas pelas séries. De resto, a sermos bem honestos, quem é que não fica suspenso das histórias que «continuam no próximo número?» Foi essa, aliás, a safa de Shehrazade, que durante mil e uma noites (mais de dois anos!) encantou um bárbaro sultão... Resta é saber quais as histórias que se incluem nas séries, para não se correr o risco de dar às crianças sempre a mesma ementa, só com diferentes designações... É óbvio que não vamos citar nomes, mas os exemplos pulam no mercado. Por tudo isso é gratificante encontrar uma série que foge aos esquemas tradicionais, que não põe meninos em busca de ladrões ou espíões mas, muito simplesmente os coloca perante a vida quotidiana onde, ao contrário do que muita gente pensa, há espaço para tudo: para o sonho, para o maravilhoso, para o dia-a-dia, etc.

Neste 2.º volume da série «Daniela» — intitulado «Sem Tempo para Sonhar» — assiste-se a uma nova etapa da sua vida: ela já não é a menina pequena do volume anterior, estando agora a seguir um curso na escola de Pedagogia Social, que lhe permitirá ser um dia educadora de infância. As aulas, os estágios em jardins-infantis, os problemas que cada criança apresenta, tudo é tema aliciante para os jovens que leiam este livro.

Barbara Schwindt, «Daniela — Sem Tempo para Sonhar»; edições Verbo, 149 páginas, Lisboa, Junho 1981

3. A ousadia do grito...

E continuando na linha das histórias que não acabam: já alguma vez o leitor pensou no destino das personagens quando acaba de ler a última página? Por exemplo: já alguma vez pensou o que terá acontecido àquela pobre criança que, no meio da multidão, teve a ousadia de gritar «o rei vai nu!»? Pois António Torrado resolveu continuar a história. António Torrado, que foi Prémio Gulbenkian de Literatura Infantil é autor experiente em lidar com os mais novos. E aqui temos a vida atribulada da criança que dizia a verdade alto e bom som para quem a queria ouvir. Assim chegou a pajem do rei e seu conselheiro, assim caiu também em desgraça vítima de intrigas de bastidores, como sempre acontece em casos palacianos... Até que, por fim, ele foi mandado de novo para casa e dispensado dos serviços reais. A intriga não a contamos, para não tirar a graça de quem vai ler o livro, escrito em linguagem muito viva. Um único senão: é necessário um grande cuidado na revisão ortográfica dos livros que se destinam às crianças (já de si tão atreitas a dar erros...) Não se compreende muito bem como, em todo o livro, a palavra «pajem» aparece escrita com «g» — inclusive no título, o que dá de imediato uma imagem pouco agradável da obra. Que, diga-se de passagem, não a merece.

António Torrado, «O Pajem não se Cala»;
ilustrações de Madalena; Livros Horizonte;
63 páginas; Lisboa, 1981

4. No mundo das máquinas...

A finalizar, uma referência a mais um álbum do agrado certo de todas as crianças (e não só...) Pois quem não gosta de saber como funcionam os motores? Quem não gosta de saber como são feitas as máquinas que pertencem ao nosso quotidiano? Temos assim uma viagem fascinante pelo mundo da maquinaria e dos motores, com uma série de diagramas simples que os esquematizam e os põem ao alcance do entendimento dos mais novos. Por nós passam máquinas de exploração agrícola, máquinas espaciais, máquinas voadoras, máquinas de guerra, máquinas de socorro, máquinas de construção civil, máquinas de plataforma petrolífera, máquinas domésticas, etc., etc. Descobrimos como flutua o «hovercraft», como corre o metropolitano, como disparam os mísseis, como se ordenham mecanicamente as vacas, como se ouve a voz do parceiro do lado de lá do fio do telefone, como se conservam os alimentos no frigorífico, como se constroem estradas ou se levantam altos edifícios, como chegam aos nossos olhos as imagens da televisão, etc...

Como bem se compreende, um livro como este vive, em grande parte, da clareza das ilustrações e aí se pode dizer que o objectivo é plenamente atingido. Talvez até mais do que no texto, às vezes demasiado sofisticado para o público a que se destina.

Christopher Rawson, «Como Funcionam as Máquinas — A Descoberta da Realidade»; ilustrações de Colin King; Edições 70; 47 páginas; Lisboa, 1981